

# UM OLHAR SOBRE AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DE UM GRUPO DE PROFESSORAS DOS ANOS INICIAIS

## *A look at the pedagogic practices of a group of teachers in the Early Years*

Paula Fabiana Carvalho Bilier<sup>1</sup>  
Fernando Icaro Jorge Cunha<sup>2</sup>  
Ailton Jesus Dinardi<sup>3</sup>

**Resumo:** O objetivo principal deste estudo é identificar as abordagens pedagógicas empregadas no processo de alfabetização de crianças nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, por parte de professoras que trabalham em escolas públicas do Rio Grande do Sul. Do ponto de vista metodológico, esta pesquisa se enquadra no delineamento qualitativo, especificamente como um estudo de caso. A coleta de dados foi realizada por meio de um questionário disponibilizado no *Google Forms*, com a participação de dez professoras que atuam nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental em escolas públicas do Rio Grande do Sul. Os resultados destacam a vasta experiência das docentes, com ênfase no método fônico, amplamente utilizado em suas práticas pedagógicas, que enfatiza a relação entre fonemas e grafemas. As professoras respondentes perceberam a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) como um documento que coloca o aluno como protagonista de seu processo de ensino e aprendizagem. No entanto, também identificaram aspectos negativos, como a falta de valorização das especificidades regionais e o ensino das relações étnico-raciais. Conclui-se, portanto, que esta pesquisa proporcionou uma contribuição significativa para o entendimento deste tema, indicando a necessidade de uma investigação mais aprofundada, dado o seu impacto no ensino nos primeiros anos do ensino fundamental.

**Palavras-chave:** Alfabetização, Métodos de ensino, Prática docente.

**Abstract:** *The main objective of this study is to identify the pedagogical approaches employed in the process of children's literacy in the Initial Years of Elementary Education by teachers working in public schools in Rio Grande do Sul. Methodologically, this research falls under the qualitative design, specifically as a case study. Data collection was carried out through a questionnaire made available on Google Forms, with the participation of ten teachers working in the Initial Years of Elementary Education in public schools in Rio Grande do Sul. The results highlight the extensive experience of the teachers, with an emphasis on the phonics method, widely used in their pedagogical practices, which emphasizes the relationship between phonemes and graphemes. The respondents perceived the National Common Core Curriculum (BNCC) as a document that places the student as the protagonist of their teaching and learning process. However, they also identified negative aspects,*

---

<sup>1</sup> Licenciada em Pedagogia pela UNIPAMPA. Email: paulabilier@hotmail.com

<sup>2</sup> Mestrando em Educação em Ciências pela UNIPAMPA. Email: icaro729@gmail.com

<sup>3</sup> Doutor em Ciência Florestal pela UNESP. Email: ailtondinardi@gmail.com

*such as the lack of appreciation for regional specificities and the teaching of ethnic-racial relations. Therefore, it is concluded that this research has provided a significant contribution to the understanding of this topic, indicating the need for further investigation, given its impact on early elementary education.*

**Keywords:** Literacy, Teaching methods, Teaching practices.

## 1. Introdução

Este trabalho tem como tema a alfabetização nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, reconhecendo que esse assunto é bastante amplo e complexo. Ao longo da história da educação, ocorreram mudanças contínuas e debates entre estudiosos sobre esse tópico.

A escolha desse tema foi feita com foco nas práticas de ensino nos Anos Iniciais das escolas públicas em cidades do Rio Grande do Sul. Observou-se que muitas crianças que frequentam os Anos Iniciais (1º, 2º e 3º anos) do Ensino Fundamental estão enfrentando dificuldades de aprendizagem na leitura, escrita e matemática básica.

De acordo com Mortatti (2010), a alfabetização escolar é compreendida como um processo de ensino e aprendizagem da leitura e escrita nas fases iniciais da escolarização, envolvendo vários elementos que abrangem ações humanas e considerações políticas. É visto como um dever do Estado e um direito constitucional do cidadão.

Segundo Franco (2015), as práticas pedagógicas devem ser estruturadas como instâncias críticas das práticas educativas, com o objetivo de transformar coletivamente os significados e sentidos da aprendizagem. Portanto, com base no exposto, este estudo teve como objetivo identificar as práticas pedagógicas usadas na alfabetização de crianças nos Anos Iniciais por professoras que atuam em escolas públicas do Rio Grande do Sul.

## 2. Revisão de Literatura

### 2.1 Conceituando alfabetização

Conforme Soares (2018), alfabetizar é possibilitar a uma pessoa a habilidade de ler e escrever e a alfabetização é a ação de alfabetizar de tornar alfabetizado. A autora citada também ressalta sobre o letramento que resulta da ação de ensinar a aprender as práticas sociais de leitura e escrita.

Lima (2018) ressalta que um sujeito alfabetizado é aquele que realiza a leitura e escrita, entendendo o processo de alfabetização como uma maneira de juntar letras e reconhecer sons, desenvolver o processo de alfabetização como um método de alfabetização. E a autora acrescenta que a alfabetização começa antes do estudante iniciar no Ensino Fundamental, pois na educação infantil e no convívio familiar que inicia o processo de aprendizagem.

Campos, Araújo e Francioli (2021) ressaltam que impulsionar a alfabetização é um confronto contínuo para os governantes e educadores e nessa circunstância tem provocado debates sobre métodos mais adequados e efetivos para a função de alfabetizar. Os autores comentam que o conceito de alfabetização vem sofrendo alterações no decorrer do tempo, com finalidade de representar as necessidades de uma sociedade em frequente modificação. Os referidos autores entendem que alfabetizar envolve preparar o indivíduo para usufruir de novos conhecimentos em atos no meio social em variadas situações, pretendendo obter sua transformação como cidadão.

## 2.2 Causas de fracasso escolar no processo de alfabetização

Soares (2020) ressalta sobre os estudos que mostram uma ampla massa de informações que decorrem de diferentes pontos de vista do processo de alfabetização, a partir de distintas áreas do conhecimento (psicologia, linguística, pedagogia) cada um tratando a questão independente conforme a especialidade de cada profissional. O ambiente cultural da criança também interfere na aprendizagem, a formação inadequada do educador ou método ineficiente de ensino, principalmente nas camadas populares, por essa razão vê-se na grande parte do fracasso escolar no processo de alfabetização nas escolas públicas.

Ferreiro (2017, p. 8) que ressalta sobre o nível de aprendizagem na alfabetização que a educação vem sofrendo atualmente:

[...] A alfabetização parece enfrentar-se com um dilema: ao estender o alcance dos serviços educativos, baixa-se a qualidade, e se consegue apenas um “mínimo de alfabetização”. Isso é alcançar um nível “técnico rudimentar”, apenas a possibilidade de decodificar textos breves e escrever algumas palavras, porém sem atingir a língua escrita como tal.

Conforme elucidam Pozzobon, Mahendra e Marin (2017), a expressão fracasso escolar é usada há muitos anos e foi agregada por situações como: baixo rendimento escolar, dificuldades de aprendizagem, reprovações, atraso de ano e chegando ao abandono escolar.

## 2.3 Teste diagnóstico como ferramenta da alfabetização e letramento

Para os professores alfabetizadores compreender qual o nível de aprendizagem dos alunos constata-se que o teste diagnóstico é uma ferramenta importante nesse momento. Em conformidade com Dutra, Dutra e Gentil (2020 p. 1) “o teste diagnóstico, que tem como finalidade identificar as dificuldades dos alunos”.

Paiva, Gottardi e Gentil (2017) realizaram um projeto em uma escola municipal em Bagé- RS, desenvolvendo um teste diagnóstico baseado na teoria da psicogênese da língua escrita de Ana Teberosky e Emília Ferreiro. Os testes diagnósticos foram desenvolvidos pelas alunas do curso de pedagogia da URCAMP Bagé, acima mencionadas, onde desenvolveram atividades com 36 crianças do 2º ano, utilizando recursos diversificados visando observar o nível de alfabetização apresentados na teoria já citada: pré-silábico, silábico, silábico- alfabético e alfabético.

## 2.4 Os métodos de ensino na alfabetização

Dentre os métodos de ensino na alfabetização busca-se pesquisar autores que destacam as principais metodologias tradicionais na educação brasileira.

Reis (2015) aponta que o método sintético originou-se da teoria do behaviorismo, sendo conhecido como um dos mais rápidos, simples e antigo método de alfabetização, podendo ser utilizado em todas as crianças. Para a criança que inicia nesse método de alfabetização, primeiramente precisa aprender todo o alfabeto (letra por letra), depois as sílabas, as palavras, frases e finalizando com os textos. Essa metodologia não concede que a criança passe uma nova fase, sem antes aprender a anterior.

Ao prosseguir o método sintético, obteve-se subgrupos: soletração alfabético, método fônico e o método silabação. De acordo com Mortatti (2006, p. 5) especifica claramente essa subdivisão que faz parte do método sintético.

[...] métodos de marcha sintética (da "parte" para o "todo"): da soletração (alfabético), partindo do nome das letras; fônico (partindo dos sons correspondentes às letras); e da silabação (emissão de sons), partindo das sílabas. Dever-se-ia, assim, iniciar o ensino da leitura com a apresentação das letras e seus nomes (método da soletração/alfabético), ou de seus sons (método fônico), ou das famílias silábicas (método da silabação), sempre de acordo com certa ordem crescente de dificuldade. Posteriormente, reunidas as letras ou os sons em sílabas, ou conhecidas as famílias silábicas, ensinava-se a ler palavras formadas com essas letras e/ou sons e/ou sílabas e, por fim, ensinavam-se frases isoladas ou agrupadas.

No método alfabético ou de soletração (exemplo "B com A, bá" e assim sucessivamente) parte do princípio de que o estudante já teria o entendimento de que as letras representam os sons e que, juntando letras, recordando o som de cada uma, seria possível ler as sílabas. Depois de aprender a ler as sílabas, a criança entenderia que juntas formariam palavras, frases e textos (SOUZA; CASTRO, 2019).

Conforme Santos (2018) o método de alfabetização dominante no Brasil era o método fônico sendo conhecido como estímulo resposta partindo de que a criança é um iniciante que precisa de incentivos externos para criar resultados que com repetição conduziria a aprendizagem da língua escrita.

Morais (2015) menciona que a consciência fonológica é uma soma de habilidades incluindo rimas, sílabas, fonemas dentre outros que é uma condição essencial para apropriação da escrita alfabética, porém não significa que a criança necessita desenvolver tais habilidades mencionadas acima no início do primeiro ano de alfabetização, sendo adquirida conforme o desenvolvimento da aprendizagem do indivíduo. E para complementar, Freitas (2019) acrescenta o método fônico, o ABC do alfabetizador partindo da base de que o ensino da letra e seu som é o que faz com que a criança avance na aprendizagem de forma mais rápida e eficiente, a escrita é consequência da leitura.

Alves (2007) acrescenta que o método silábico tem ligação com a sílaba e não ao fonema, pode realizar de forma mais rápida a relação de segmentos da fala e da escrita, sendo de fundamental importância a ser explorado pelos alunos é a sílaba.

Santos e Ribeiro (2017) acrescentam sobre o método fônico ou fonético evidenciando a relação direta entre fonema e grafema, ou seja, entre o som da fala e a escrita. Apareceu com uma atuação às críticas ao método de soletração sendo referenciado por Vallange na França, Enrique Stefhanie na Alemanha e trabalhado por Montessori na Itália sendo bastante utilizado na década de 80 no Brasil

Reis (2015) descreve sobre os métodos analíticos que são os que impulsionam o aluno a explorar o todo (palavra) para atingir as partes que integra. Esse método é apresentado por subdivisão sendo a palavrção, a sentencição e o global. A palavrção sendo mostrada ao educando, seguido por imagem, confrontar palavras novas com autonomia de leitura. O método de palavrção deve ser formado e alterado para que o aluno entenda seus avanços, fazendo com que o aluno aprenda a relacionar imagem e palavra. O autor também menciona o método sentencição desde uma frase o estudante cria e memoriza as palavras que formam esta sentença, depois reconhece as sílabas que formam cada palavra para gerar novas palavras tendo como exemplo os contos e as historietas que estabelecem um crescimento do método de sentencição.

Rangel, Souza e Silva (2017) complementam, ressaltando sobre o método referente ao processo global sendo um fragmento de pequenas histórias, logo dissociar-se do texto frases, as frases em palavras, as palavras em sílabas e por último a elaboração de novas palavras com as sílabas aprendidas. Esses métodos também são considerados tradicionais ou cartilhescos, pois são mecanismos colocados em práticas através de cópias, ditados, lista e exercícios de modelo formato padrão a seguir.

Montemor (2020) ressalta que professores mesclam as práticas pedagógicas, sendo os métodos sintéticos e analíticos utilizados, embora os educadores em primeiro momento busquem alfabetizar a partir de textos, ou seja, do todo. Porém, quando as crianças demonstram mais dificuldade de compreensão do sistema de leitura e escrita aplicam o antigo método sintético ou analítico, especialmente as famílias silábicas, que às vezes se torna a última estratégia de busca pela alfabetização.

Cruz e Albuquerque (2010) destacam que o ensino da leitura e da escrita era aplicado de modo a assegurar que todas as crianças, ao mesmo tempo, compreendessem as correspondências grafofônicas ensinadas pelo educador através de métodos de alfabetização de base sintética ou analítica. Apesar das diferenças, esses métodos se amparam na visão de um código a ser transmitido e memorizado e não na criação e construção de conhecimento sobre a língua pela criança; em vista disso uma das falhas dessa opção metodológica estava na convicção de que apenas, o método seria eficiente na aprendizagem das crianças.

Santos e Silva (2019) enfatizam que o método construtivista põe o indivíduo como centro de seu próprio aprendizado. O educador é um mediador do conhecimento, somente direcionando os estudantes a alcançarem seus próprios entendimentos. A perspectiva do ensino construtivista sugere a capacidade individual de alcançar determinada aprendizagem, levando em consideração várias particularidades, como a fase de desenvolvimento cognitivo. Os autores supracitados também ressaltam que o método construtivista não pode ser confundido com dar total autonomia aos educandos, mas valorizar experiências, vivências e formas de pensar.

Carvalho (2018) acrescenta que no final da década de 1970, ocorreu modificação da tradição de ensino, baseado em novas políticas sociais que definiram dar importância à educação infantil, de forma a enfrentar o fracasso nessa área. Desse modo a “alfabetização: construtivismo e desmetodização” transferiu um pensamento construtivista para a alfabetização, depois disso as pesquisas em educação surgem mais intensas e o construtivismo passa a não ser apenas uma ideia de ensino, mas uma transformação conceitual.

Muitas pesquisas avançaram nesta época, determinando uma discussão entre construtivistas e defensores dos métodos tradicionais.

## **2.5 Práticas docentes na alfabetização dos Anos Iniciais**

Ao buscar por pesquisas sobre práticas docentes na alfabetização dos Anos Iniciais, encontramos uma série de registros que podem nos embasar e proporcionar conhecimento sobre o tema.

Gama (2017) realizou uma pesquisa numa escola municipal com alfabetizadoras onde estavam em regência de 2º ano do Ensino Fundamental e observou as escolhas didáticas e pedagógicas das professoras, as táticas fabricadas e as técnicas profissionais elaboradas que produziam. As ferramentas para alfabetizar, adicionando a análise que as professoras desenvolveram por meio da autoconfrontação com a própria prática, elementos relacionados à formação continuada estimulando, para isso, de forma variada e redefinir no cotidiano, nas habilidades das táticas, mostradas nas cenas de sala de aula. Além de componentes advindos da relação com os pares e da própria parcialidade dos docentes, utilizando metodologias como: filmagens em sala de aula, fotografias e diário de campo e entrevista com as professoras através de autoconfrontação simples.

Tedesco (2015) relata que foi realizada uma pesquisa com professores dos Anos Iniciais com observações, aplicação de questionário aos professores, análises de documentos oficiais e institucionais e observação em momento de formação continuada PNAIC (Pacto Nacional de Alfabetização na Idade Certa) e utilizando os recursos do PROUCA (Programa um Computador por aluno). Os dados apresentados nesta pesquisa mostraram que o entendimento por parte dos docentes de que a formação continuada, ao possibilitar espaço e tempo para reflexão individual e coletiva, despertou a criação de um movimento dinâmico de ação reflexão a ação propiciando mudanças e transformações nas práticas docentes desses profissionais.

Cruz (2008) o estudo foi realizado em turmas do 1º, 2º e 3º anos do Ensino Fundamental e os processos metodológicos envolveram a atuação de observações de aulas, entrevistas com educadores e de atividades de avaliação diagnóstica das aprendizagens das crianças. E conforme a análise das práticas, os resultados mencionam que as professoras evidenciam os eixos da leitura, produção textual e apropriação da escrita alfabética e ortográfica, formando-os conforme os três anos do ciclo.

Conforme a autora citada acima, as pesquisas demonstram a importância de pensar no processo de alfabetização como objeto específico de conhecimento para a preparação inicial dos educadores. Mediante a investigação de boas práticas de alfabetização, compreender didáticas pedagógicas que propiciem resultados satisfatórios

na aprendizagem da leitura e da escrita nos Anos Iniciais, independente da concepção do conhecimento da escola seja seriada ou ciclada.

Carvalho (2018) realizou uma pesquisa com professores em uma Escola Estadual, no primeiro ciclo da alfabetização através de um questionário aplicado, buscando entender os métodos utilizados para a alfabetização. Foi observada a aplicabilidade do método sintético ou silábico, com prática da cartilha e/ou alfabético e fônico argumentando serem procedimentos e particularidades educacionais das crianças. Porém, as dez professoras afirmaram não utilizar métodos tradicionais de alfabetização e todas declararam aplicar método silábico. Dois docentes demonstraram descritas práticas de letramento e trabalham com diferentes gêneros textuais e oito desses profissionais não utilizam diferentes gêneros textuais em sala de aula e também cinco dos oito docentes trabalham o alfabético e o método misto.

Por intermédio do questionário, a autora identificou que na maioria das alfabetizadoras, trabalham na alfabetização entre 02 e 05 anos e desempenham suas funções em todas as disciplinas dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental com exceção de educação física.

## **2.6 A educação no formato remoto no Brasil**

Magalhaes et al. (2021) relataram que os professores precisaram criar métodos e usar da criatividade para ensinar no formato remoto, pois desde o início da pandemia em 2019 a educação no Brasil, passou pelo processo de fechamento presencial e a utilização do ensino a distância em todos os níveis educacionais. Educadores procuraram oferecer de diversos caminhos para entrar em contato com os estudantes, através de vídeos, plataformas digitais em alguns casos para quem tinha acesso à internet e para aqueles discentes que não tinham acesso foi ofertado atividades impressas. Desse tempo de pandemia ocorreram mudanças na educação do Brasil que já vinha sofrendo fragilidade em algumas regiões e isso agravou a alfabetização brasileira.

Mainardes (2021) argumenta que o fechamento das escolas reproduz um prejuízo enorme para os alunos, principalmente na rede pública, que é o local onde ficam seguros, com acesso a alimentação, interação social e aprendizado.

Ainda segundo o autor, o ensino remoto emergencial foi a opção pelos sistemas de ensino onde cada rede de ensino criou seus próprios recursos. Porém, muitos educandos não tiveram acesso de forma eficiente ao ensino remoto emergencial, por não terem conexão à internet em casa, dificultando ou mesmo impedindo o entendimento sobre os conteúdos a serem trabalhados. Mesmo as instituições de ensino tendo proporcionado para esses alunos materiais impressos retirados e devolvidos nas escolas, esse processo exigiu uma dedicação de todos os envolvidos, dependendo grande esforço e dedicação de gestores educacionais, gestores escolares, professores, famílias e alunos.

## **3. Delineamento Metodológico**

Para o desenvolvimento deste trabalho foi realizado uma pesquisa exploratória para entender o olhar das professoras sobre a alfabetização em Anos Iniciais do Ensino

Fundamental, Raupp e Beuren (2006) descreve que a pesquisa exploratória tem como característica de quando há pouco conhecimento sobre a temática abordada, por meio do estudo exploratório buscando mais informações e contribuindo para o assunto estudado.

Do ponto de vista teórico, esta pesquisa, caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa tipo Estudo de Caso. Gil (2002) expõe que o objetivo do Estudo de Caso não é proporcionar o conhecimento preciso das características de uma população, mas deve proporcionar uma visão geral do problema ou identificar possíveis fatores que interferem ou são por ele influenciados.

A trajetória metodológica desta pesquisa caracteriza-se como de abordagem qualitativa e quantitativa caracterizada nas práticas docentes dos alfabetizadores dos Anos Iniciais em rede pública de Canoas, Gramado, Porto Alegre e Quaraí, no Rio Grande do Sul, visando obter uma visão mais ampla do público-alvo.

Zanella (2013) relata sobre o método quantitativo que atenta-se com a conferência dos dados e o método qualitativo se preocupa em entender a realidade, segundo o ponto de vista dos sujeitos participantes da pesquisa. Minayo *et al.* (2011) afirmam que a pesquisa qualitativa atende às questões específicas. Ela trabalha com um nível de realidade que não pode ser quantificado, isto é, “[...] ela ocupa-se com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes que correspondem a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não pode ser reduzido à operacionalização de variáveis”.

Como ferramenta de coleta de dados, optou-se, em função do isolamento causado pela pandemia provocada pela Covid-19, se aplicou um questionário via *Google Forms* (Figura 1) que foi enviado via *e-mail*, em torno de vinte professores atuantes nos Anos Iniciais em escolas municipais e estaduais, porém foi respondido por dez educadores. Visando preservar a proteção, segurança e os direitos dos participantes de pesquisa, o contato não foi direto, sendo que o questionário foi enviado via *e-mail* para os possíveis respondentes.



Figura 1 - Questionário aplicado. Fonte: Dados da pesquisa, 2022.

Anterior ao envio do questionário, houve um contato inicial com a orientação pedagógica de cada escola e em segundo momento o contato com os professores sendo assim, a pesquisa foi qualitativa e quantitativa obtendo número menor de entrevistado, se restringindo a um pequeno número de entrevistados priorizando produzir um trabalho de qualidade.

Segundo Silva (2011), pesquisas com questionários gerenciados pelo Google Docs oferecem importantes recursos como o programa editor de textos ou de planilhas, a



elaboração nesse caso tem uma transformação notável, pois as perguntas são incluídas diretamente no Google Docs na ferramenta “formulários” e ficam à disposição online, já que o formulário está sendo salvo em um serviço virtual da Google, facilitando realizar em diferentes lugares necessitando apenas contatos telefônicos ou *e-mails*.

#### 4. Resultados e Discussão

O grupo participante da pesquisa foi formado por dez professoras e constitui-se da seguinte forma: três professoras oriundas de duas escolas estaduais e de quatro escolas municipais de diferentes cidades do RS. Foi enviado o questionário (formulário Google doc.) contendo sete questões fechadas, com alternativas conforme a pergunta e sete questões abertas buscando respostas individuais conforme a qualificação e experiência de cada profissional, sendo enviado em medida de trinta professores na área, entrando em contato com a direção das escolas, primeiramente enviando por *e-mail* o questionário.

Com relação ao tempo de docência, os dados expostos na figura 2 evidenciam que a metade (50%) dos professores que participaram da pesquisa tem mais de 20 anos de experiência nas escolas redes públicas do estado do RS.

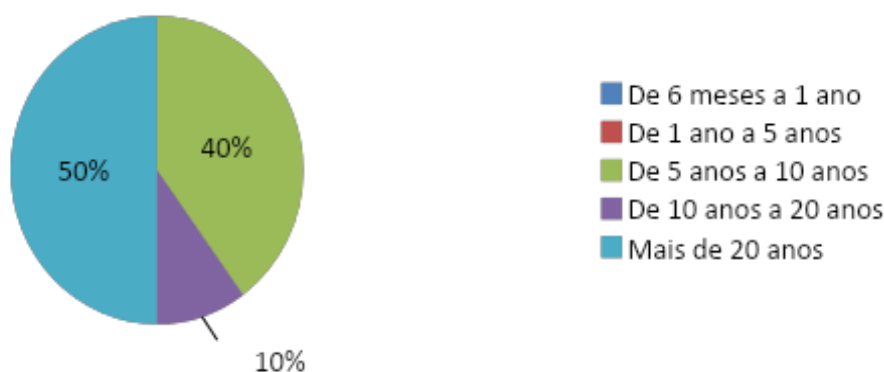


Figura 2 - Tempo de docência (%). Fonte: Dados da pesquisa, 2022.

Quanto aos demais professores, 40% registraram um tempo de docência de 5 a 10 anos e 10%, de 10 a 20 anos.

Cerdas (2012) destaca que os saberes como procedimentos habituais da vida profissional, estabelecem um conjunto de gestos ignorados pelos iniciantes, mas ao longo dos anos apreendidos com certa competência. Nesse sentido, levando em consideração os professores iniciantes e aqueles mais experientes, o estudo da autora demonstra que apenas na segunda fase a inovação pode ser pensada e realizada como tal, visto que esses docentes já dominam esses fazeres comuns que os iniciantes estão construindo. Ou seja, segundo o autor, quanto mais tempo de experiência docente maior é a possibilidade de realizar um trabalho com excelência.

A segunda pergunta possuía um caráter provocativo, “A alfabetização começa antes do estudante iniciar no Ensino Fundamental, pois na educação infantil e no convívio familiar que inicia o processo de aprendizagem. Você concorda?” com o objetivo de entender o olhar dos participantes sobre o tema (Figura 3).

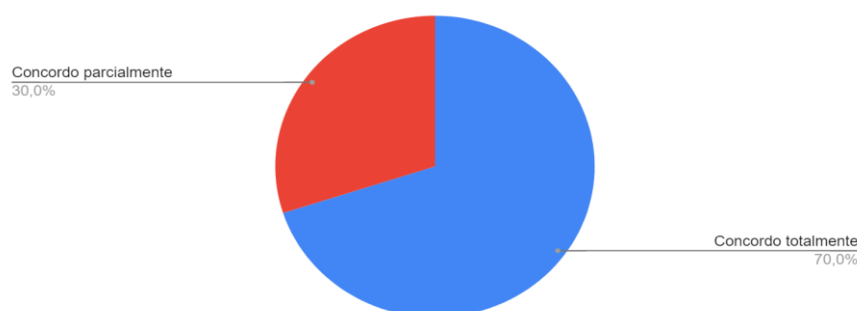


Figura 3 - percentual obtido para a pergunta sobre o momento que se inicia a alfabetização. Fonte: Dados da pesquisa, 2022.

Os dados expostos na figura 3 demonstram que a grande maioria (70%) concorda que a alfabetização inicia desde os primeiros anos de vida e que a convivência familiar e a educação infantil têm uma grande responsabilidade no processo de aprendizagem da criança.

Araújo (2021) relata que alfabetizar transcende de processos e metodologias de ensino, é preciso procurar o verdadeiro significado da alfabetização levando em conta a realidade e a maturidade dos educandos, demonstrando a eles qual a finalidade e a necessidade de ler e escrever.

Para Almeida (2019) é imprescindível a compreensão de que as crianças pequenas que frequentam a educação infantil são atribuídas de capacidades para se tornarem leitoras e escritoras. Nas vivências e interações diárias com outras crianças e adultos, elas constroem e reconstróem conhecimentos e tornam significativos seus saberes. Conforme já mencionaram os professores entrevistados e os autores pesquisados que o processo de alfabetização inicia desde os primeiros anos de vida e na educação infantil ocorre o desenvolvimento cognitivo, através de atividades lúdicas, como também corporal, interativa ampliando assim sua aprendizagem e facilitando a preparação para entrar no Ensino Fundamental.

A terceira pergunta visava entender a prática docente das professoras participantes, com a seguinte pergunta: *Como você começa o processo de alfabetização quando recebe a turma no início do ano letivo?* As respostas obtidas foram categorizadas em Reconhecimento do alfabeto, Sondagem para reconhecer o nível de aprendizagem e Entrevista com a família para conhecer cada integrante, com a Sondagem para reconhecer o nível de aprendizagem, obtendo 70% das indicações das professoras, conforme quadro 1.

Quadro 1 - Formas indicadas para se iniciar o processo de alfabetização.

Categorias	Total de respostas
Reconhecimento do alfabeto.	02
Sondagem para reconhecer o nível de aprendizagem.	07

Entrevista com a família para conhecer cada integrante.	01
---	----

Fonte: Dados da pesquisa, 2022.

Segundo Pazeto, León e Seabra (2017) capacidades anteriores de leitura e escrita envolvem a habilidade de reconhecimento das letras e sons do alfabeto e aptidão de codificar e decodificar letras, sílabas ou palavras isoladas. Indicativos recomendam que sua aquisição é determinante para o futuro sucesso acadêmico ao longo da Educação Básica.

Quanto a sondagem para reconhecer o nível de aprendizagem, Mariano (2012) ressalta conforme sua pesquisa que a sondagem é um instrumento para o professor alfabetizador, pois concede que verifique em que nível da escrita à criança se encontra, é uma maneira do professor analisar e direcionar seu trabalho, voltado à necessidade da criança. Com a sondagem o educador consegue entender as demonstrações e as hipóteses produzidas por seus alunos.

E quanto à entrevista com a família para reconhecer cada integrante, Lopes (2015) argumenta que o papel principal da escola, seja rede pública ou privada, é oferecer um ensino de qualidade e de trabalhar em parceria com a família.

Conforme citado pela Constituição Federal Brasileira, art. 205 a educação não é somente dever da escola, precisa ter a parceria com a família para obter melhores resultados:

Art. 205 A educação, direito de todos e dever ao Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho (BRASIL, 1998, Art. 205).

Em relação à pergunta forma de iniciar o processo de alfabetização, obteve-se respostas diversificadas, podendo ampliar o conhecimento sobre o assunto e perceber que todas as alternativas são importantes e pode dizer essenciais para conhecer mais sobre cada aluno e utilizar de forma integrada o reconhecimento do alfabeto, entrevistar os pais para contribuir sobre especificidades das crianças e realizar a sondagem visando perceber o nível de aprendizagem de cada um.

Quando perguntado às professoras sobre “*Quais os métodos de alfabetização que você utiliza?*” A maioria respondeu que utiliza o método de alfabetização que relaciona o fonema e a grafema (Figura 4).

Soares (2003, p. 1) explica mais especificamente o método de alfabetização que faz a relação entre fonema e a grafema.

O que poderíamos chamar de acesso ao mundo da escrita – num sentido amplo – é o processo de um indivíduo entrar nesse mundo, e isso se faz basicamente por duas vias: uma, através do aprendizado de uma “técnica”. Chamo a escrita de técnica, pois aprender a ler e a escrever envolve relacionar sons com letras, fonemas com grafemas, para codificar ou para decodificar. Envolve, também, aprender a segurar um lápis, aprender que se escreve de cima para baixo e da

esquerda para a direita; enfim, envolve uma série de aspectos que chamo de técnicos.

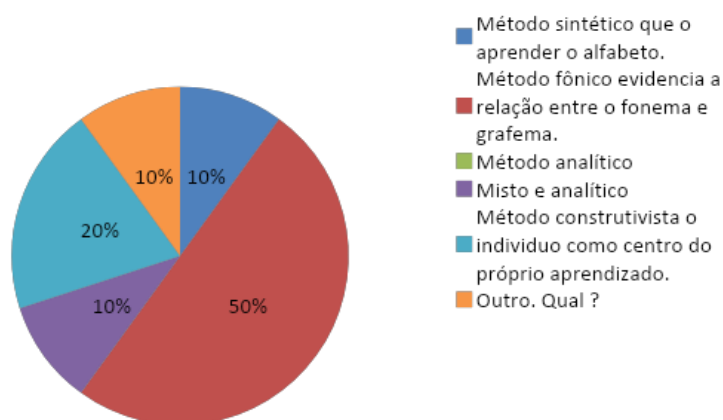


Figura 4 - Quais os métodos de alfabetização utilizados pelas professoras (%).

Fonte: Dados da pesquisa, 2022.

Quanto aos métodos citados podemos inferir que de acordo com Santos e Freitas (2020) o método fônico vem sendo apontado pelos seus defensores como a resolução para acabar do Brasil com a dificuldade de ensino aprendizagem da leitura e escrita, retificando os problemas na alfabetização. As autoras acrescentam que o método fônico exibe uma boa escolha, porém cabe ao educador escolher conforme as necessidades e capacidades de seus educandos.

Quanto ao método construtivista, Fernandes *et al.* (2018) registram que o modelo construtivista tem sido aprovado por diversas instituições, o que vem proporcionando o uso de um ensino diferenciado e mais proativo, na medida em que o professor é capaz de utilizar na sala de aula um novo método pedagógico que beneficia, especialmente o desenvolvimento das capacidades das crianças.

Sobre o método misto e analítico, Campos, Araújo e Francioli (2021) pesquisam que embora de serem considerados antigos, esses sistemas tradicionais (o método analítico e sintético) ainda atuam intensamente dentro das escolas, principalmente o processo silábico, uma separação do método sintético, que abrange na associação de letras.

Quanto ao Método sintético, Melo, Sousa e Fonseca (2019) apontaram que o método sintético de alfabetização engloba as metodologias denominadas: alfabéticas, fônicas e silábicas. Essa referência de alfabetização, ensina-se por partes separadas, como por exemplo, as letras do alfabeto.

Uma das professoras pesquisadas indicou outro método, respondendo que utiliza o método fônico e aliado com o Geempiana, que é um método construtivista. Segundo Rosa (2009) a didática Geempiana atenta-se a um campo científico, onde se atua trabalho de investigação e de criação de um novo conhecimento. O GEEMPA é um centro de pesquisa na área de educação que foi formado por um grupo de professores da área de matemática, sendo uma organização não governamental, sem fins lucrativos, aplicada a pesquisa, mas relacionada à formação docente. A aula Gempiana aprimora o trabalho em

grupo e oportuniza a cooperação e integração, os grupos são formados democraticamente através de votação, quando mudam os níveis de classificação dos alunos nas escalas, são formados novos grupos.

E conforme a pesquisa comprova, metade das professoras escolheram o método fônico, porém pode-se observar que mesmo com um *número reduzido*, não há uma homogeneidade de métodos, com diferentes posicionamentos entre as professoras pesquisadas.

Com relação a forma como se desenvolve suas práticas de ensino com sua turma, as respostas apresentam uma diversidade de formas, que foram categorizadas no Quadro 2.

Quadro 2 - Práticas de Ensino.

<b>Categorias</b>	<b>Total de respostas</b>
Desenvolver projetos conforme a realidade	3
Ouvir o aluno, ser facilitador de aprendizagem	3
Jogos, trabalhos em grupos	1
Utilizar recursos como: vídeos, músicas e contação de história	3

Fonte: Dados da pesquisa, 2022.

Ao realizar a pergunta, três professores ressaltam desenvolver projetos conforme a realidade da turma. professora (9) resalta que “Através de projetos, de escuta da turma, acredito que o melhor método é aquele que a criança aprende”.

Ribeiro (2010) relata que o projeto proporciona maior respeito ao processo natural de desenvolvimento das crianças em relação à elevação do conhecimento. Sabe-se que atividades conforme a realidade da turma torna-se significativo na aprendizagem dessas crianças. Considera-se bastante significativo no processo de aprendizagem trabalhar com projetos conforme a realidade da turma.

Referente ao ouvir o aluno, ser facilitador de aprendizagem três professoras salientaram ser fundamental. A Professora (1) complementa que “instigando o aluno a falar e participar da aula “e a professora (4) fala “Outro fator importante é criar um vínculo com eles uma relação de confiança”.

Para Martins e Tavares (2015) o pensar sobre a prática docente deveria ser uma ação constante no dia a dia do professor. É adequado refletir quanto às estratégias e métodos de ensino que serão usados na rotina escolar sem ignorar o objetivo principal que é a aprendizagem.

Paulo Freire (2017) argumenta que ensinar exige saber escutar é fundamental que o educador oportunize os educandos a falar suas ideias, questionar, se posicionar, enfim interagir com os outros eleva a capacidade de aprendizagem.

Ao analisar as respostas entende-se que conforme as professoras e autores na educação é importante ouvir os alunos buscar compreender a visão deles e proporcionar atividades de acordo com a realidade dos educandos para obter melhores resultados.

Ao responder jogos, trabalhos em grupos a professora (1) complementa “As atividades são a partir de jogos, trabalhos coletivos”

Consoante ao uso de jogos, o sujeito consegue definir significados em torno das vivências com os adultos e colegas. A escola tem papel essencial nesse processo, em que ocorrem às brincadeiras e jogos têm uma proporção diferenciada em outros âmbitos, são planejadas buscando alcançar objetivos propostos (LEÃO, 2016).

E ao obter a resposta sobre utilizar recursos como: vídeos, músicas e contação de histórias a professora (3) “O planejamento sempre envolve algum(ns) recurso(s): música, vídeo, imagens, história contada, textos, interdisciplinaridade, informática”.

Oliveira e Junior (2019) relatam experiências ao trabalhar com atividade de contação de histórias através da literatura infantil é fundamental no desenvolvimento da criança por inúmeros motivos, como no recurso de aquisição da leitura e escrita nos Anos Iniciais, seja para apresentar letras, palavras, e produção de pequenos textos.

Conforme Almeida (2019) atualmente existem redes sociais com propósitos diferentes com imagens, vídeos, músicas e textos e na educação podemos citar o uso de redes sociais digitais: YouTube, WhatsApp, Facebook, plataformas entre outras ferramentas pedagógicas que o professor pode inserir no seu planejamento das aulas, possibilitando aprendizagens significativas.

Sabe-se do crescimento das ferramentas digitais nos últimos anos em decorrência da pandemia, possibilitando educadores que não utilizavam recurso tecnológico de inserir no processo educativo desses alunos.

Com relação a pergunta: *Qual teórico da educação que mais inspira sua prática docente?* Maria Montessori, Paulo Freire, Emília Ferreiro e Lev Semionovitch Vygotsky, foram os citados nesta ordem (Figura 5), sendo que Piaget e Rousseau não foram citados.

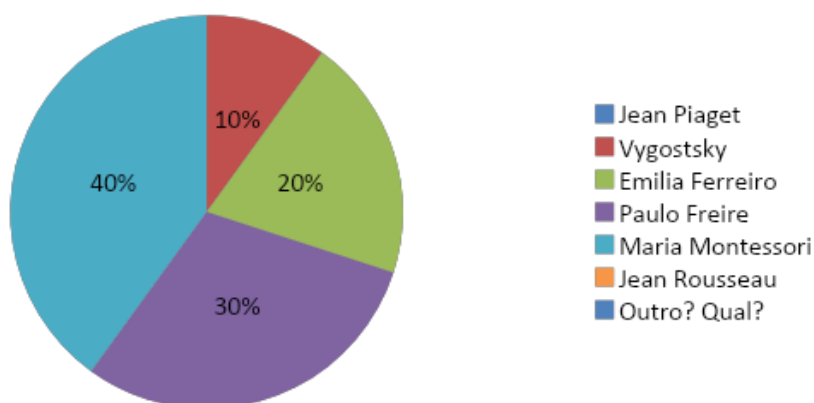


Figura 5 - Teóricos citados como fontes de inspiração (%). Fonte: Dados da pesquisa, 2022.

Dentre as professoras, 40% responderam que Maria Montessori é o referencial teórico que as professoras mais se identificam frente ao processo educacional. Segundo Santos (2015) Maria Montessori, italiana, médica, trabalhou como professora auxiliar na clínica psiquiátrica da universidade tratando de crianças com deficiências, dessa maneira se interessou pela pedagogia, realizou curso de licenciatura em filosofia, sendo mais tarde, responsável de organizar escolas infantis nas casas populares do quarteirão de San Lorenzo em Roma.

A autora acima também ressalta que as escolas montessorianas disponibilizaram um ambiente preparado com materiais de crescimento, em classe com crianças de idades mistas. Ela subdividiu em faixas etárias, educação infantil e Ensino Fundamental, seu método de trabalho é o ser ativo em sala de aula, ter liberdade individual, cultivando a autonomia para o trabalho e a independência para realizar o que é capaz de produzir.

Conforme a pesquisa identificou-se 30% das professoras responderam que Paulo Freire é o referencial teórico mais importante para elas.

Kohan (2019) Paulo Freire uma figura grandiosa não apenas na educação brasileira, como também para a educação América latina e mundial.

Silva (2018) no ambiente escolar, Paulo Freire impulsionou o conceito de letramento com a finalidade de melhorar o desempenho discente nas práticas de uso da escrita, onde defendia exercer as práticas de leitura e de escrita em diversos domínios sociais, sugeriu uma prática educativa direcionada por inquietação, questionamento, investigação e intervenção, dados da pesquisa praticada numa perspectiva dialógica problematizadora, obtendo assim nesse processo de alfabetização sujeitos curiosos e autônomos, aptos de entender o mundo que estão agregados e sobre o qual devem interceder para transformá-lo com responsabilidade.

Com relação a Emília Ferreiro, constatou-se que 20% das professoras registram que utilizam e compreendem como referencial fundamental no processo educativo. Para Mello (2007), Emília Ferreiro, pesquisadora argentina, psicóloga e pedagoga, integrou nova abordagem do processo de aquisição da língua escrita pela criança que passou a ser reconhecida como construtivista.

De acordo com Oliveira e Leão (2018) Emília Ferreiro modificou o conceito de alfabetização por meio de pesquisas e investigações feitas em conjunto com a Ana Teberosky, sobre o processo de aquisição da língua escrita na criança, produzir da epistemologia psicogenética de Jean Piaget que originou na obra intitulada Psicogênese da língua escrita que transformou-se em referência teórica referente à alfabetização na década de 80.

Segundo as autoras, Ferreiro não questionava o método em si, mas do processo de construção do conhecimento para o educando que significa conceder ao estudante refletir sobre suas explorações, suas concepções e aprendizado.

Os demais 10% das professoras escolheram Vygotsky como essencial na sua jornada como alfabetizador. Duarte *et al.* (2019) registram Vygotsky como pensador e psicólogo Russo que produziu diversos trabalhos científicos relacionados ao trabalho

intelectual, foi precursor no desenvolvimento intelectual das crianças, que ocorre desde o início da interação com o meio social. De acordo com os autores, Vygotsky foi um apoiador de que os pais e professores deveriam influenciar na formação das crianças, que devem desde cedo serem incentivadas a desenvolver um comportamento crítico e ativo diante da realidade.

Ao perguntar sobre os autores teóricos que as educadoras se identificam conforme a sua trajetória acadêmica e conseqüentemente as práticas em sala de aula percebe-se que a maneira de educar desses profissionais são de valorizar e incentivar o pensamento crítico e autonomia na construção do conhecimento.

Com relação a formação continuada, processo previsto na legislação brasileira, mas que muitas vezes é negligenciada pelas mantenedoras, foi perguntado as professoras participantes (Figura 6): *Sua instituição oportuniza formação continuada? De quanto em quanto tempo?*

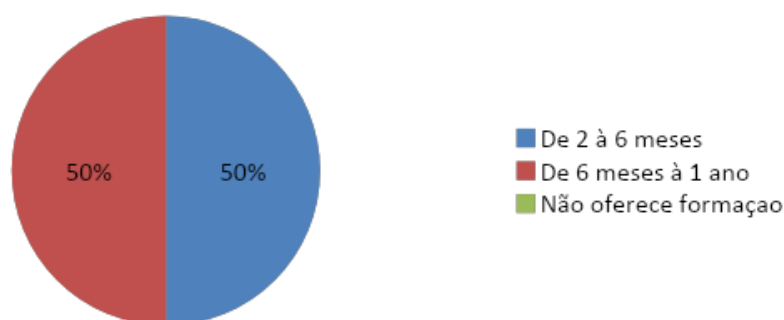


Figura 6 - percentual obtido pela pergunta sobre oportunidade de formação continuada. Fonte: Dados da pesquisa, 2022.

Referente a formação continuada, 50% ressaltaram que recebem cursos de qualificação entre 02 à 6 meses e os outros 50% responderam receber preparação de 6 meses a 1 ano.

Kiss de Souza, Dorneles e Franco (2020) ressaltam que na Educação Básica, a escola tem como compromisso fomentar estudos sobre os conhecimentos científicos programados e acumulados pela humanidade e a socialização dos indivíduos no processo educacional.

Ferreira (2012) salienta que a produção de material didático pedagógico é um trabalho difícil que dispõe ações de várias eminências, mas tem chance de ocorrer apoio dos órgãos competentes.

A autora ainda comenta que a participação ativa de todos os envolvidos no processo educativo desde a comunidade, mas principalmente a participação dos professores é de fundamental importância, pois nas oficinas, o papel dos educadores é de mediadores e colaboradores na produção de saber coletivo.

Quanto perguntando sobre o acesso a sistemas informatizados: *Em sua escola possui sistema informatizado (plataforma) que possa alimentar com informações como:*



planejamentos, registros de aulas, chamadas entre outros? Todas as professoras responderam que sim, sendo que 1 professoras indicou o *Google Classroom* e uma segunda professoras indicou o sistema Betha.

Quadro 3 - sistema informatizado na escola.

<b>Categorias</b>	<b>Total de respostas</b>
Sim, plataforma Classroom	1
Sim, sistema Betha	1
Sim	8

Fonte: Dados da pesquisa, 2022.

Em relação ao sistema informatizado na escola foi unânime as respostas, onde indicaram que todas as escolas têm disponibilizado acesso a informática.

Alonso (2008) O assunto das tecnologias da informação e comunicação (TIC), colaboradora na formação dos professores, pois sobre a natureza do trabalho pedagógico, com nas intervenções técnicas e no desenvolvimento do processo de estudo dos profissionais da educação. A autora acrescenta que as mudanças atingem as instituições escolares de modo definitivo, suas convicções são discutidas, currículos são revistos, avaliações são efetivadas, inclinadas a atribuir qualidade ao ensino aprendizagem.

Martins (2019) A empresa Betha oferece e vende softwares variados para a gestão pública e um deles é Educaweb, que é um sistema que atende toda a rede pública municipal que solicita seus serviços. Educaweb busca tornar os registros diários, as aulas administradas pelos professores, online, podendo realizar os planejamentos, registros de chamada, registro de aulas dadas, notas de avaliações realizadas e pareceres visando facilitar a rotina dos docentes.

Farias (2019) apresenta uma pesquisa sobre o uso do *Google Classroom*, como ferramenta que oferece suporte ao processo ensino aprendizagem.

A autora acrescenta que o *Google Classroom* possibilita oferecer conteúdo para que possam ser acessados a qualquer momento pelos alunos, esses materiais podem ser: vídeos, documentos, áudios, apresentações, links etc.

Com a pandemia, o uso da informática passou a ser um recurso fundamental para realizar as aulas online em todos os níveis de ensino, desde a educação infantil até cursos superiores.

Quando perguntadas se “A escola disponibiliza recursos didáticos diferenciados para auxiliar no processo de aprendizagem dos alunos?” 70% das professoras responderam que sim e as demais responderam em parte, conforme Figura 7.

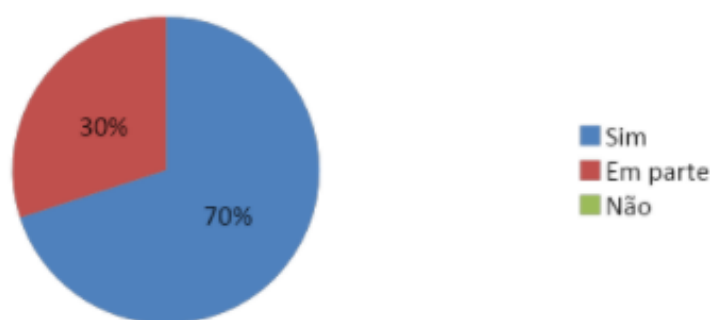


Figura 7 - Recursos didáticos disponibilizados pela escola. Fonte: Dados da pesquisa, 2022.

Conforme as respostas a grande maioria utiliza como recursos didáticos livros, Marasini (2010 p. 22) relata que:

É necessário que os professores criem estratégias para mostrar aos alunos que os conteúdos ensinados em sala de aula fazem parte de suas vidas e de seu dia a dia. A utilização de diferentes recursos didáticos pedagógicos pode ser utilizada com esta finalidade, estabelecendo relações entre as matérias presentes nos livros de texto e a vida fora de sala de aula.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) foi promulgada em 2017, sendo apresentado como:

[...] um documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica, de modo a que tenham assegurados seus direitos de aprendizagem e desenvolvimento, em conformidade com o que preceitua o Plano Nacional de Educação (PNE) (BRASIL, 2017, p. 7).

Ao analisar as respostas e o autor acima, o recurso didático utilizado em sala de aula segue sendo os livros didáticos, porém entende-se que é preciso cuidar se está adequado à realidade da localidade.

Quando perguntado as professoras sobre “O que a BNCC trouxe de novidades aspectos positivos e negativos?” e o Referencial Curricular Gaúcho os aspectos mais elencados estão registrados no quadro 4.

Quadro 4: Aspectos positivos da BNCC, indicados pelas professoras.

Categorias	
Aspectos Positivos	Total de respostas
Trabalhar a gestão da emoção, saúde mental e autoconhecimento.	1
O aluno protagonista do seu processo de ensino aprendizagem.	4
Questão ambiental, valores éticos	1
Afirmaram que trabalham, porém, sem exemplificar os aspectos.	4

Fonte: Dados da pesquisa, 2022.

Quanto à questão dos aspectos positivos, a BNCC (Quadro 4) obteve respostas destacando aspectos importantes como trabalhar a gestão da emoção, saúde mental e autoconhecimento. A Professora (5) destacou: "Penso que os aspectos positivos são trazer a parte de trabalhar a gestão da emoção e saúde mental nas escolas, além disso o autoconhecimento".

Conforme a Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2017) destaca que a necessidade o autoconhecimento, a partir das seguintes afirmações: "Conhecer-se, apreciar-se e cuidar de sua saúde física e emocional" (BNCC, 2017) e realizar escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade.

E em relação a questão ambiental e valores éticos ressaltou a professora (7) "Questão ambiental, Valores éticos, entre outros"

Branco, Royer e Branco (2018) destacam que o pressuposto de informações é entender se a orientação da BNCC recomenda mudanças e incentiva o ensino da educação ambiental como um dispositivo para superar a adversidade, injustiças e exploração do meio ambiente.

Os autores acrescentam consideram que é importante educar para uma ter uma sociedade responsável, com percepção e tornando pessoas atuantes na transformação do meio em que vivem, enfrentando os problemas, respeitando o sujeito em dano do individualismo e definir considerações e ações sobre as ações sobre diferenças sociais, encolhimento ao acesso a bens e serviços, tal como a proposta de uma educação de qualidade, práticas sobre o meio ambiente e vínculos de produção e de consumo.

Perez (2019) acrescenta que a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que defende a educação integral dos estudantes com a construção de uma sociedade íntegra, igualitária e inclusiva, instruídas por princípios éticos, estéticos e políticos, das quais habilidades compõem a fraternidade e a colaboração, o entendimento crítico e inovador, obtendo liberdade de expressão, conduta e valores para solucionar as adversidades do cotidiano, o amplo exercício da cidadania e do mercado de trabalho.

E o aluno como protagonista do seu processo de ensino aprendizagem a professora (3) colocou que "Positivo: aluno protagonista do seu processo de ensino aprendizagem".

Conforme a BNCC (2018) aponta que têm propósitos pedagógicos que devem estar voltados para o desenvolvimento de competências. Por meio da recomendação clara do que os alunos devem saber (levando em consideração a constituição de conhecimentos, habilidades, atitudes e valores) e principalmente o que devem saber fazer (tendo em consideração a concentração desses conhecimentos, habilidades, atitudes e valores para resolver exigências da vida cotidiana, do funcionamento da cidadania e do mundo do trabalho), evidenciar as competências oferece informações para o fortalecimento de práticas que garantam as aprendizagens essenciais determinadas na BNCC. O incentivo ao pensamento criativo, coerente e crítico, através de criação e do fortalecimento da capacidade de realizar questionamentos e de avaliar respostas, defender suas ideias, de

interagir com diferentes produções culturais, utilizar os recursos tecnológicos e comunicação, propicia aos alunos expandir o entendimento de si mesmos, do mundo natural e social, das relações dos indivíduos entre si e com a natureza.

Quadro 5: aspectos negativos da BNCC indicados pelas professoras.

Aspectos Negativos	Quantidade de respostas
Falta trabalhar a inclusão	1
Não valoriza as regionalidades e ensino das relações étnico raciais	1
Afirmaram que trabalham com a BNCC, porém não exemplificam aspectos negativos.	8

Fonte: Dados da pesquisa, 2022.

Dentre as respostas sobre os aspectos negativos da BNCC foi ressaltado pela Professora (5) “A questão negativa é que a BNCC, não traz dúvidas sobre como trabalhar os casos de inclusão e como contemplar os alunos com limitações”.

Lima (2020) ressalta que a escola é um espaço de crescimento, socialização e progresso do educando. Quando diz respeito à educação especial, o espaço escolar torna-se um local de incentivo e de busca de desenvolvimento humano.

De acordo com a autora, a educação especial é uma realidade e experiências dentro dos espaços escolares, assegurado por lei, torna-se fundamental que os professores busquem o conhecimento e instruções para realizar seu trabalho dentro do processo de ensino aprendizagem, pois a BNCC não expõe aprendizagens claras, deixando para que o projeto político pedagógico e o currículo escolar de cada âmbito escolar e, assim, não garante que seja verificada a importância de capacitação do docente.

E sobre não valorizar as regionalidades e ensino das relações étnico como aspectos negativos da BNCC, a professora (3) “Negativo: não valoriza as regionalidades e ensino das relações étnico raciais. Deixando estes para cada professor”.

Bravin *et al.* (2020) salientam que a escola é um ambiente de socialização e conhecimento. Pode ser uma ferramenta de incentivo, de autonomia, ou ainda uma organização onde as desigualdades são acentuadas. Os autores ressaltam que a Lei nº 10.639 prevê na proposta de educação para relações étnicas raciais que trata de conteúdo direcionado ao estudante, obra que apresenta ponto de vista críticas e considerações, desenvolvendo vários temas no campo da educação das relações étnico raciais, porém mesmo atendendo o que está previsto na legislação, a produção não conduz dados, informações e argumentações sobre a realidade do negro, especialmente assuntos locais e regiões, assim como os demais recursos didáticos de sociologia disponíveis no mercado.

Percebe-se que as professoras que participaram da pesquisa mesmo trabalhando conforme a BNCC a maioria não colocou seu ponto de vista sobre os aspectos positivos e negativos, porém as educadoras que contribuíram colocaram importantes colocações e percepções o qual faz com que refletimos sobre as posições que precisamos debater e argumentar como profissionais da educação.

Quando perguntado às professoras, se os processos de formação continuada atendem a necessidade das mesmas, a pesquisa constata que 60% responderam que sim, que são atendidas plenamente e 40% responderam que são atendidas em parte (Figura 8).

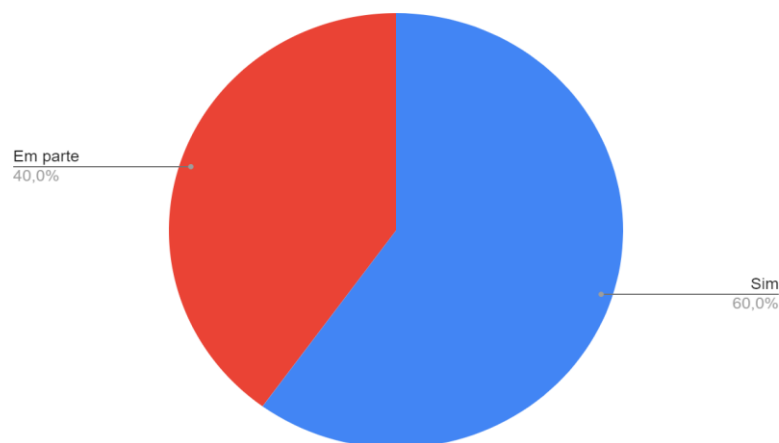


Figura 8 - Olhar das professoras sobre a formação continuada ofertada pelas escolas (%).

Fonte: Dados da pesquisa, 2022.

Tozetto (2017) relata que o profissional da educação requer ter conhecimento em diferentes extensões, sendo capaz de criar seu pensamento e sua ação baseado nas teorias da educação, mas voltado às experiências vivenciadas no cotidiano e observando criticamente as situações em sala de aula. Assim, a provocação que se coloca ao professor não é uma incumbência fácil de efetuar, pois construir seu saber, investigando uma relação teórico e prática consciente do mundo social em que está introduzido é uma tarefa complexa.

Canen e Xavier (2011) ressaltam que a formação continuada de professores possui um importante papel, visto que preparar educadores para pensar e exercer a profissão com a diversidade cultural no âmbito escolar significa expandir universo que permitam a transformação na escola em um lugar em que diversas identidades são respeitadas e valorizadas, apontadas como fatores incentivadores da cidadania.

Scheibe (2010) considera que as reivindicações por formação adequada determinam do apoio da autoridade central para levá-las a um proveitoso termo, tanto de uma estratégia de ação estruturada entre as diferentes instâncias que formam professores e que os aceitam como docentes, como também a divisão desigual da oferta pública dos cursos superiores de formação para a docência, no interior de cada território do país.

Entende-se ser fundamental a instituição escolar levar em consideração as necessidades dos docentes, pois fará diferença em sala de aula ao colocar em prática suas aulas.

Sobre o uso do livro didático (LD), como apoio ou ferramenta para o Ensino, como pedido de justificativa para a resposta, pode-se perceber que todas as professoras utilizam o LD, porém com a inserção desta ferramenta de diferentes formas e em diferentes momentos, tais como:

Conforme a pergunta a professora (2) salientou que *“Utilizo, mas não com frequência. Não podemos ficar à mercê só dos livros didáticos. Atualmente tem sites muito bons como Brasil escola e entre outros, com ideias de planejamentos muito interessantes ou que te dão ideias para você fazer uma adaptação”*. Atualmente com sites interessantes e direcionados a BNCC, enriquece os planejamentos de aula ou oferece uma ideia para adequar a realidade da turma e os livros didáticos deixam de ser tão utilizados.

Já a professora (3) argumentou que *“Nos anos anteriores não utilizei, mas este ano devido a pandemia com ensino remoto, tenho utilizado, pois é o material que os alunos possuem em casa para estudo”*. Nesse ponto de vista, a docente está utilizando no momento devido a pandemia facilitando seu trabalho, pois assim orienta número de páginas e ordem das atividades.

A professora (4) fez um comentário semelhante ao anterior. *“Sim. Os alunos recebem cartilha enviada pelo MEC, que serve como material de apoio”*.

A professora (5) acrescentou que *“Sim, pois são essenciais para um bom planejamento contribuindo de forma significativa”*.

A professora (7) fez seu comentário: *“Às vezes, utilizo. Por considerar importante vários conteúdos abordados, porém depende muito do livro didático. Percebe-se interessante salientar que é preciso escolher o livro com cuidado, buscando sempre adaptar à realidade da comunidade escolar”*.

E a professora (10) concluiu: *“Sempre utilizei dentro do cronograma de planejamento, mas com abertura para um planejamento sistemático flexível e organizado. Na Pandemia este processo foi deixado de lado até porque a sincronização não foi possível [...], mas em anos anteriores sempre foi inserido o livro didático com ênfase no processo de aprendizagem”*.

De acordo com os entrevistados, percebe-se que ainda prevalecem os livros didáticos como ferramenta importante para o planejamento de aulas, porém surgiu também a utilização de sites que identificam interessantes no processo de planejamento de aulas e surgiu as cartilhas enviadas pelo MEC como material de apoio para os estudantes.

Conforme com os livros didáticos sendo essenciais para um bom planejamento, os autores Nunez *et al.* (2003) evidenciam que os professores utilizam o livro como ferramenta fundamental que direciona o conteúdo a ser aplicado, o seguimento desses conteúdos, as atividades de aprendizagem e a avaliação para o ensino. Os autores acrescentam que o uso do livro didático pelos educadores como instrumento didático, junto do currículo, dos programas, estabelece como um dos utensílios para o ensino aprendizagem.

Coscarelli (2018) para usar as tecnologias digitais em rotinas pedagógicas, o docente precisa saber utilizar as ferramentas, que na maioria dos casos não existem dificuldades. Muitas instituições têm computadores disponíveis para usarem, mas são poucos que fazem o uso deles em suas tarefas didáticas, apesar de considerar importante o uso das tecnologias digitais para a aprendizagem, os professores não recebem formação para o uso delas como instrumento pedagógico.

Araújo e Oliveira (2010) destacam que as cartilhas são desenvolvidas de forma organizada e condensadas com as teorias que a elas são subentendidas. Há uma disposição para as unidades e uma estrutura para as atividades. Cabe questionar como os alunos podem percorrer diante do texto, se o estudante está preparado para ler e escrever o que é solicitado, com base no que foi ensinado. Os autores ainda acrescentam que o trabalho de leitura de textos e coordenação fica correspondente à iniciativa do orientador instigando proporcionar atividades que estimulem a autonomia e pensamento crítico dos educandos.

Quando perguntado: *Você acha que os Livros Didáticos contemplam os conteúdos do plano de ensino de sua escola e as atuais diretrizes curriculares?* duas professoras responderam apenas que sim (20%) e as demais relataram suas respostas às necessidades das turmas, como por exemplo:

A Professora (3) salientou que *“Em parte. Muitos conteúdos são abordados de forma superficial, ou nem mesmo tem nos livros didáticos. Sendo necessário que o professor disponibilize material complementar, entretanto nem sempre os alunos têm como acessar o material complementar (não tem internet, ou não tem como imprimir o material)”*. Sabe-se das dificuldades que o sistema público de ensino enfrenta, precisando se adequar conforme as possibilidades ofertadas.

A professora (9) acrescenta que *“Em parte, só ele não é o suficiente, é uma ferramenta de apoio, porém, além dele precisamos buscar outros recursos conforme a necessidade de cada turma”*. E a professora (10) complementa: *“Sim, porque na análise são escolhidos aqueles que contemplam o alinhamento e a diversificação de atividades e temas”*.

De acordo com a pesquisa, a maioria dos educadores percebem que os livros didáticos devem ser escolhidos conforme a realidade da turma, demonstrando assim a preocupação e interesse de tornar a aprendizagem da turma significativa.

Silva e Nogueira (2015) ressaltam que uma das realizações das escolas públicas brasileiras foi a disposição gratuita de livros didáticos para todos os alunos, porém é importante refletir do que forma os livros didáticos podem ser usados pelos professores de forma responsável, percebendo os ajustes, alterações e reproduções das propostas educativas para apoiar os alunos em seus variados caminhos, determinam a profissionalidade docente, dessa forma considerando a particularidade e diferenças nos ritmos de aprendizado dos discentes.

## 5. Considerações Finais

Durante a realização do questionário com professoras que atuam na área de alfabetização nas redes públicas municipais e estaduais em cidades do estado do Rio

Grande do Sul, observamos que esta pesquisa foi enriquecedora em relação ao tema. Buscamos informações desde o tempo de experiência docente em sala de aula, e as respostas evidenciam que esses profissionais possuem ampla experiência no campo da docência. Portanto, entendemos que o desenvolvimento da pesquisa, seguindo a metodologia adotada, alcançou seus objetivos e contribuiu para a compreensão do tema da alfabetização nos Anos Iniciais. No entanto, é importante ressaltar que houve uma baixa taxa de participação das professoras convidadas para a pesquisa.

Em relação ao início da alfabetização antes do estudante ingressar no Ensino Fundamental, a maioria das respostas foi afirmativa. Isso indica que muitas crianças já adquirem habilidades de aprendizagem em seu ambiente familiar e na educação infantil, que agora é obrigatória. A maioria das professoras relataram que realizaram uma avaliação inicial da turma para entender o nível de aprendizado das crianças. Eles também mencionaram que trabalham no reconhecimento do alfabeto e interagem com as famílias dos alunos.

Sobre os métodos de alfabetização, metade dos educadores afirmou que prevalece o método fônico, que enfatiza a relação entre fonemas e grafemas. Em seguida, mencionaram o método construtivista, que coloca o indivíduo no centro do próprio aprendizado, além de métodos mistos, analíticos e sintéticos. Algumas professoras mencionaram um método específico baseado no construtivismo, chamado de Didática Geompiana, que enfatiza a integração e democratização do conhecimento e foi desenvolvido em uma escola em Santa Maria, no Rio Grande do Sul. As professoras relataram que implementam práticas de ensino variadas, incluindo a escuta atenta dos alunos como estratégia facilitadora da aprendizagem, o uso de jogos, trabalho em grupos, vídeos, músicas e contação de histórias, além do desenvolvimento de projetos específicos.

Consoante aos teóricos que influenciam a educação, as professoras mencionaram nomes como Maria Montessori, Paulo Freire, Emília Ferreiro e Vygotsky. Quanto à formação continuada, a maioria afirmou estar participando de cursos de qualificação com duração de seis meses a um ano.

Ficou evidente que a maioria das escolas possui um sistema informatizado disponível e oferece recursos didáticos, como livros, alguns dos quais estão alinhados com as diretrizes curriculares. Além disso, algumas professoras destacaram que recursos tecnológicos são ferramentas facilitadoras no processo de ensino.



## Referências

- AGRE LEÃO, Marjorie Agre. O uso de jogos como mediadores da alfabetização/letramento em sala de apoio das séries iniciais. **Estudos Linguísticos**, [S. l.], v. 44, n. 2, p. 647-656, 2016.
- ALMEIDA, Eva Cláudia Santos de. **Plataforma de vídeo youtube no processo de alfabetização: um estudo de caso com professores dos Anos Iniciais**. 2019. 51f. Trabalho de Conclusão de Curso – Especialização em Mídias na Educação. Centro Interdisciplinar de Novas Tecnologias na Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – CINTED/UFRGS, Porto Alegre, 2019.
- ALMEIDA, Margarete Marinho Pires de. **Alfabetização, leitura e escrita, (manuscrito): o que educação infantil tem a ver com isso?** 2019. 56f. Trabalho de Conclusão de Curso - Especialização em Múltiplas Linguagens em Educação Infantil, Programa de Pós-Graduação Lato Sensu em Docência na Educação Básica – Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2019.
- ALONSO, Katia Morosov. Tecnologias da informação e comunicação e formação de professores: sobre rede e escolas. **Educ. soc. Campinas**, v. 29, n. 104, p. 747-768, 2008.
- ALVES, Isabel Cristina da Silva Frade. Métodos de alfabetização, métodos de ensino e conteúdos da alfabetização: perspectivas históricas e desafios atuais. **Revista Educação (UFSM)**, v. 32, n. 1, p. 21-40, 2007.
- ARAÚJO, Erika Andrade de. **Família, criança e processo de leitura/escrita dos Anos Iniciais no Ensino Fundamental**. 2021. 48f. Trabalho de Conclusão de Curso - Licenciatura em Pedagogia, Centro de Educação, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa-PB, 2021.
- BRANCO, Emerson Pereira; ROYER, Marcia Regina; BRANCO, Alessandra Batista de Godoi. A abordagem da educação ambiental nos PCNS, nas DCNS e na BNCC. **Nuances**, v. 29, n. 1, p. 185-203, 2018.
- BRAVIN, Rodrigo; SIQUEIRA, Yamília de Paula; PINHEIRO, Larissa Franco de.; PINEL, Hiran. A representação do negro em um livro didático de Sociologia: análise após a implementação da Lei nº 10.639/2003. **Cadernos de Aplicação**, v. 33, n. 2, p. 1-12, 2020.
- BRASIL. Base Nacional Comum Curricular. Educação é a Base. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2018.
- CAMPOS, Tatiane Graciele Caetano; ARAÚJO, Elaine Maestre Polido de; FRANCIOLI, Fátima Aparecida de Souza. Alfabetização e Letramento no Brasil: Algumas concepções sobre os métodos tradicionais e modernos em materiais didáticos. Universidade Estadual do Pará do Belém, Brasil, **Revista Cocar**, v. 15, n. 32, p. 1-21, p. 2021.

CANEN, Ana; XAVIER, Giseli Pereli de Moura. Formação continuada de professores para a diversidade cultural: ênfases, silêncios e perspectivas; Universidade Federal do Rio de Janeiro, **Revista Brasileira de Educação**, v. 16, n. 48, p. 641-661, 2011.

CARVALHO, Cristina Aparecida de. **Alfabetização e letramento**: uma análise documental. 2018. 42f. Trabalho de Conclusão de Curso - Licenciatura em Pedagogia, Instituto Federal de Ciência e Tecnologia Goiano, Campus Morrinhos, Moinhos-GO, 2018.

CERDAS, Luciene. **Práticas e saberes docentes na alfabetização nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental**: Contribuições de pesquisas contemporâneas em educação. 2012. 393f. Tese (Doutorado em Educação Escolar). Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2012.

CRUZ, Magda do Carmo Silva. **Alfabetizar letrando**: Alguns desafios do 1º ciclo no Ensino Fundamental. 2008. 183f. Dissertação (Mestrado) - Alfabetizar letrando: Alguns desafios do 1º ciclo no Ensino Fundamental. Pernambuco, RE, 2008.

CRUZ, Magna do Carmo Silva; ALBUQUERQUE, Eliana Borges Correia de. **A relação entre as práticas de alfabetização e as aprendizagens das crianças nos três Anos Iniciais do Ensino Fundamental em escolas organizadas em serie e em ciclos**. Rio de Janeiro: ANPED, 2015.

DUARTE, Andréa Ellen da Ponte; SOUSA, Ana Carvalho de; CUNHA Abdemar Lima, BRANDÃO, Israel Rocha. Vygotsky: suas contribuições no campo educacional, 2019. **Anais [...]**. In: V Congresso Nacional de Educação. Editora Realize: V CONEDU, 2018.

DUTRA, Cleonice da Silva; KANITZ GENTIL, Viviane. PIBID: A utilização de jogos para a contribuição da alfabetização e letramento. **Anais [...]**. In: Salão Internacional de Ensino, Pesquisa e Extensão, v. 9, n. 3, 2020.

FARIAS, Candido Luciano. Aplicação do Google Classroom como ferramenta de apoio no processo de construção do conhecimento no ensino técnico integrado ao médio. **Revista Educacional Interdisciplinar**, v. 8 n. 1, 2019.

FRANCO, Maria Amélia Santoro. Práticas pedagógicas de ensinar-aprender: por entre resistências e resignações. Prática pedagógica e docência: um olhar a partir da epistemologia do conceito. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, v. 97, n. 247, p. 534-551, set. 2016.

FERNANDES, Arlete Modesto Macedo; MARINHO, Gisanne de Oliveira; BATISTA, Miriam Delmondes; OLIVEIRA, Gislene Farias de. O Construtivismo na Educação, **Id on Line Rev. Mult. Psic.**, v. 12, n. 40, p. 138-150, 2018.

FERREIRA, Lucimar Luisa. Ensino de Português L2 e Produção de Material Didático-Pedagógico: Formação continuada de professores Xavante. Visitas Guiadas. GIL, Beatriz Daruj; AMADO, Rosane de Sá. (org.). **Reflexões sobre o ensino de português para falantes de outras línguas**. São Paulo: Paulistana, 2012. p. 49-54.

FERREIRO, Emília. **Com todas as letras.** (Re)tradução e cotejo de textos por Sandra Traducco Valenzuela. 17 ed. São Paulo: Cortez, 2017.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**, 55ª ed. Rio de Janeiro/ São Paulo: Paz e terra, 2017.

FREITAS, Victor Avelino de. **O método fônico e a prática: possibilidades de uma nova alfabetização.** 2019. 39f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) - Universidade de Brasília, Brasília, 2019.

GAMA, Ywanoska Maria Santos da. O uso de entrevistas de autoconfrontação na pesquisa sobre alfabetização: refletindo sobre a gênese das práticas cotidianas. **Anais [...].** In: 38ª Reunião da Anped, GT10 - Alfabetização, Leitura e Escrita, UFMA- São Luís/ MA, 2017.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

KISS DE SOUZA, Eliane; DORNELES, Beatriz Vargas; FRANCO, Sérgio Roberto Kieling. Formação continuada de professores: reflexões sobre o desenvolvimento do raciocínio multiplicativo no ciclo de alfabetização. **Formação Docente – Revista Brasileira de Pesquisa sobre Formação de Professores**, v. 12, n. 25, p. 261-278, 22 dez. 2020.

KOHAN, Walter. **Paulo Freire mais do que nunca: uma filosofia.** 1 ed. Belo Horizonte: Vestígio, 2019.

LIMA, Hélis Cristina Alves de. BNCC x PCN: inclusão escolar no contexto de educação especial. **Anais [...].** In: IV Congresso Internacional de Educação Inclusiva. Editora Realize: Universidade Cândido Mendes, 2020.

LOPES, Juliana Aparecida Pereira. **A Corporeidade na segunda etapa da educação infantil de uma escola da rede particular: o que pensa a professora? Como se posiciona a família.** 2015. 145f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em Educação Processos Socioeducativos e Práticas Escolares. Universidade Federal de São João del-Rei , São João del-Rei-MG, 2015.

LIMA, Juliana dos Santos. **O processo de alfabetização na perspectiva de Emília Ferreiro, visando hipóteses coletadas na turma de 2º ano da Escola Professora Francisca Flor, em Santa Cruz da Baixa Verde-PE.** 2018. 69f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras) – Unidade Acadêmica de Serra Talhada, Universidade Federal Rural de Pernambuco, Serra Talhada, 2018.

MAGALHÃES, Camila; MARTINS, Cristiane; ARRUDA, Kimberley; SANCHES, Jane. Mudanças e adaptações feitas no estudo EAD na pandemia e suas implicações. **Anais [...].** In: Anais Educação em Foco: IFSULDEMINAS, [S. l.], v. 1, n. 1, 2021.

MAINARDES, Jefferson. **Políticas e práticas de alfabetização**: perspectivas autorais e contextuais. Rio de Janeiro: Fórum Estadual de Alfabetização do Rio de Janeiro: VW Editora, 2020.

MARASINI, Alessandra Brochier. **A utilização de recursos didático pedagógicos no ensino de biologia**. 2010. 28f. Trabalho de Conclusão de Curso – Licenciatura em Ciências Biológicas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre-RS, 2010.

MARIANO, Regina Duarte da Silva. Sondagem de alfabetização: uma análise das hipóteses de escrita. **Revista Revela**, n. 13, p. 1-13, 2012.

MARTINS, Eledir da Cruz; TAVARES, Dirce Encarnacion. A escuta sensível -prática do docente interdisciplinar no ensino médio. **Revista Interdisciplinaridade**, n. 6, p. 18-27, 2015.

MARTINS, Amanda Elizalde. **O uso do software educaweb**: uma experiência do corpo docente de Gramado/RS. 2019. 44f. Trabalho de Conclusão de Curso – Especialização em Mídias na Educação, Centro Interdisciplinar de Novas Tecnologias na Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, RS, 2019.

MELO, Livia Carolina Batista de; SOUSA, Geraldo Antônio Alves de; FONSECA, Márcia Auxiliadora. Indo além do codificar e decodificar: o Método das Boquinhas no processo de alfabetização. **Revista Atlante: Cuadernos de Educación y Desarrollo**, p. 1-15, 2019.

MELLO, Márcia Cristina de Oliveira. O pensamento de Emília Ferreiro sobre alfabetização, **Revista Eletrônica Acolhendo a Alfabetização nos Países de Língua Portuguesa**, v. 1, n. 2, p. 85-91, 2007.

MORTATTI, Maria do Rosário Longo. **História dos métodos de alfabetização no Brasil**. Brasília, Recurso Digital, 2006.

MORTATTI, Maria do Rosário Longo. Alfabetização no Brasil: conjecturas sobre as relações entre políticas públicas e seus sujeitos privados. Alfabetização no Brasil: conjecturas sobre as relações entre políticas públicas e seus sujeitos privados. **Revista Brasileira de Educação**, v. 15, n. 44, p. 329–341, 2010.

MONTEMOR, Nelma Aparecida. Alfabetização e letramento: o processo de aquisição de leitura e escrita. Akropolis, **Revista de Ciências Humanas da Unipar**, v. 21, n. 1, 2020.

MORAIS, Artur Gomes de. **O desenvolvimento da consciência fonológica e a apropriação da escrita alfabética entre crianças brasileiras**. Alfabetização no Brasil: conjecturas sobre as relações entre políticas públicas e seus sujeitos privados. **Revista Brasileira de Educação**, v. 15, n. 44, p. 329–341, maio 2010.

NUNEZ, Isauro Beltrán; RAMALHO, Betânia Leite; SILVA, Ilka Karine; CAMPOS, Ana Paula. A seleção dos livros didáticos: um saber necessário ao professor. O caso do ensino de Ciências. **Revista Iberoamericana de Educación**, v. 33, n. 1, p. 1-11, 26 abr. 2003.

PAIVA, Juliana Vaz; GOTTARDI, Angelina; GENTIL, Viviane Kanitz. Teste diagnóstico como ferramenta eficiente na evolução da alfabetização e letramento- PIBID. **Anais [...]**. In: Salão Internacional de Ensino, Pesquisa e Extensão – SIEPE, 2017.

OLIVEIRA, João Batista de Araújo. Cartilhas de alfabetização: a redescoberta do Código Alfabético. **Ensaio: avaliação políticas públicas de educação**, v. 18, n. 69, p. 669-710, 2010.

OLIVEIRA, Larissa Bernardino Leite; LEÃO, Deusmaura Vieira. A alfabetização e as contribuições de Emília Ferreiro. **Ciclo Revista: Vivências em Ensino e Formação**, v. 3, n. 1, 2018.

OLIVEIRA, Samantha Aniceto de; JÚNIOR, Claudio Roberto Antunes Scherer. A contação de histórias no Ensino Fundamental: fundamentos e planejamentos. **Cadernos da Pedagogia**, v. 13, n. 25, p. 16-26, Jul/Set 2019.

PAZETO, Talita de Cassia Batista; LEÓN, Camila Barbosa Riccardi; SEABRA, Alessandra Gotuzo. Avaliação de habilidades preliminares de leitura e escrita no início da alfabetização. **Rev. Psicopedagogia**, v. 34, n. 104, p. 137-147, 2017.

PEREZ, Carlos Rey. Educação olímpica e a base nacional comum curricular: uma aproximação entre esporte e educação. **Olimpianos**, v. 2, n. 3, p. 555-568, 2018.

POZZOBON, Magda; MAHENDRA, Férita; MARIN, Angela Helena. Renomeando o fracasso escolar. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 21, n. 3, p. 387-396, set. 2017.

RANGEL, Franciele de Azevedo; SOUZA, Emilly Cristina Firmino de; SILVA, Ana Carla de Azevedo. Métodos tradicionais de alfabetização no Brasil: processo sintético e processo analítico. **Revista Includere**, v. 3, n. 1, p. 497-504, 2017.

RAUPP, Fabiano Maury; BEUREN, Ilse Maria. **Metodologia da pesquisa aplicável às ciências sociais**. Recurso Eletrônico, 2006. p. 77-97. Disponível em: [https://www.geocities.ws/cienciascontabeisfecea/estagio/Cap\\_3\\_Como\\_Elaborar.pdf](https://www.geocities.ws/cienciascontabeisfecea/estagio/Cap_3_Como_Elaborar.pdf). Acesso em: 11 set. 2023.

REIS, Cristiane Dias. **Alfabetização nas séries iniciais**: um estudo sobre os métodos de ensino. 2015. 30f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) – Plano Nacional de Formação de Professores, Universidade Federal Rural da Amazônia, Igarapé-Açu, PA, 2015.

RIBEIRO, Loiva Beatriz Menger. **Projetos em sala de aula**: uma experiência com classe de alfabetização, Três cachoeiras, RS. 2010. 37f. Trabalho de Conclusão de Curso – Licenciatura em Pedagogia. Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Três Cachoeiras-RS, 2010.

ROSA, Cintia Cristini da Trindade. **A didática Geempiana de alfabetização na escola Marista Santa Marta, Santa Maria, RS.** 2009. 48f. Trabalho de Conclusão de Curso – Especialização em Gestão Educacional. Centro de Educação, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria-RS, 2009.

SANTOS, Cirleide Ribeiro dos Santos. Alfabetização: algumas reflexões sobre o método fônico e o método construtivista. **Anais [...].** In: V Congresso Nacional de Educação. Editora Realize: V CONEDU, 2018.

SANTOS, Ana Paula Lopes; SILVA, Claudionor Alves. Alfabetização: entre a perspectiva construtivista e o processamento da informação. **Anais [...].** In: Seminário Nacional e Seminário Internacional Políticas Públicas, Gestão e Práxis Educacional, v. 7, n. 7, p. 1756-1766, 2019.

SANTOS, Evelaine Cruz dos. **Formação de professores no contexto das propostas pedagógicas de Rudolf Steiner (pedagogia Waldorf), Maria Montessori e da experiência da Escola da Ponte.** 2015. 252f. Tese - (doutorado) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Geociências e Ciências Exatas, 2015.

SANTOS, Cristiane Gonzaga dos; RIBEIRO, Janete Santa Maria. Alfabetização realizada a partir da associação da teoria construtivista e método fônico. **Revista Eletrônica Científica Inovação e Tecnologia**, v. 8, n. 19, e4762, 2017.

SANTOS, Gabriella Tocchio dos; FREITAS, Maria Cecilia Martínez Amaro. Alfabetizando através do método fônico, 2020. **Anais [...].** In: VIII Mostra Científica do Curso de Pedagogia (UniEvangélica), v. 5, n. 1, p. 51-65, 2020.

SCHEIBE, Leda. Valorização e formação dos professores para a educação básica: questões desafiadoras para um novo Plano Nacional de Educação. **Educação & Sociedade**, v. 31, n. 112, p. 981-1000, jul. 2010.

SILVA, Máisa Alves; NOGUEIRA, Ana Lúcia Horta. Como os livros didáticos de alfabetização contemplam os diferentes percursos de aprendizagem? **Olhares:** Revista do Departamento de Educação da Unifesp, [S. l.], v. 3, n. 2, p. 119-132, 2015.

SILVA, Adriana Freire; LÓS, Dayvid Evandro da Silva; LÓS, Djalma Rodolfo da Silva. Web 2.0 e Pesquisa: Um Estudo do Google Docs em Métodos Quantitativos. **Revista Novas Tecnologias na Educação**, Porto Alegre, v. 9, n. 2, p. 1-10, 2011.

SILVA, Wagner Rodrigues. Polêmica da alfabetização no Brasil de Paulo Freire. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, v. 58, n. 1, p. 219-240, jan. 2019.

SOARES, Magda. A reinvenção da alfabetização. **Presença pedagógica**, v. 9, n. 52, p. 15-21, 2003.

[http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/programa\\_aceleracao\\_estudos/reivencao\\_alfabetizacao.pdf](http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/programa_aceleracao_estudos/reivencao_alfabetizacao.pdf) acesso 05/12/2021.

SOARES, Magda. **Letramento**: um tema em três gêneros. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento**. 7 ed. 4ª reimpressão- São Paulo: Contexto, 2020.

SOUSA, Angélica Silva de; OLIVEIRA, Guilherme Saramago de; ALVES, Laís Hilário. A pesquisa bibliográfica: princípios e fundamentos. **Cadernos da FUCAMP**, v. 20, n. 43, p. 64-83, 2021.

SOUZA, Anne Mariette Alves Costa; CASTRO, Rafael Fonseca de. Alfabetização: uma revisão dos métodos e a perspectiva histórico – cultural. **Revista Práxis Pedagógica**, v. 2, n. 3, p. 160-179, 2019.

TEDESCO, Sirlei. **Formação continuada de professores**: experiências integradoras de políticas educacionais - PNAIC e PROUCA - para alfabetização no ensino fundamental de uma escola pública. 2015. 93f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

TOZETTO, Susana Soares. Docência e formação continuada. **Anais [...]**. In: XIII Congresso Nacional De Educação. EDUCERE, Curitiba, 2017. p. 24.537-24.549.

VIANA COSCARELLI, Carla Viana. Perspectivas culturais de uso de tecnologias digitais e a educação. **Revista Brasileira de Alfabetização**, v. 1, n. 8, p. 33-56, 2019.

ZANELLA, Liane Carly Hermes. **Metodologia de pesquisa**. 2. ed. Florianópolis: Departamento de Ciências da Administração/ UFSC, 2013.